



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A INSTRUÇÃO POPULAR NO CONCELHO DE GUIMARÃES.**

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1908 | Número: 25

---

### **Como citar este documento:**

ALMEIDA, Eduardo de, A Instrução popular no concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 25 (2) Abr.-Jun. 1908, p. 57-74; 25 (3-4) Jul.-Dez. 1908, p. 99-112.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# A INSTRUÇÃO POPULAR

NO

## CONCELHO DE GUIMARÃES

---

I

### **Alguns dados estatísticos**

#### 1) **A instrução primaria.**

Vamos tratar do mais doloroso dos problemas que interessam a consciencia humana. O nosso trabalho, que se limita ao concelho de Guimarães, representa um esforço para a immediata acção dos poderes centrais, sobretudo um recurso á iniciativa particular. E contribuiremos assim para o estudo synthetico do atraso e desordem da instrução do paiz, manifestando a evidencia do mais poderoso factor intellectual e moral e tambem physico da anormalidade portuguesa. Nelle se revelará — o analfabetismo roendo como um cancro social ao mesmo tempo que atrophia o individuo, pondo-o fóra, por inadaptabilidade, da vida moderna ; — a deficiencia educativa e instructiva causando, nos que sabem lêr, a pathologia cerebral de desorganisação, insatisfação e revolucionarismo desleixado por que se distinguem.

Isso nos determina a pouparmos o fraseado inutil. Desgraçadamente os factos revestem semelhante eloquencia tragica que nos perturbam o pensamento depois de fulminarem o coração.

## As escolas

Os elementos de estatística, que successivamente publicaremos, tem o simples valor de — inquerito ao estado actual da instrução popular no concelho — e pelo seu valor relativo não auctorisam senão conclusões relativas.

Todavia, o mappa das escolas officiaes e particulares <sup>1</sup> que actualmente funcçionam no concelho de Guimarães, e que é o primeiro d'esses elementos no que respeita á instrução primaria, é tambem o mais completo de todos. Os seus numeros sam rigorosamente precisos porque, excluindo de proposito as escolas particulares que não reuñem condições legais nem se recommendam pelos serviços prestados, essa exclusão deliberada não invalida a veracidade estatística.

O concelho de Guimarães é composto de 80 freguesias. *Actualmente ha 38 onde não funcçiona qualquer escola official!*

Sam : Abbação (S. Christovão), Airão (S. João), Aldão, Balazar, S. Claudio do Barco, Santa Leocadia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Calvos, Cadoso (S. Thiago), Corvite, Santa Marinha da Costa, Donim, Gandarella, Gemeos, Gominhões, Gondar, Guardizella, Infiás, Leitões, Lobeira, Mascotellos, Matamá, Moreira, Oleiros, Paraiso, Pencello, Pinheiro, Polvoreira, Prazins (Santo Thyrsó), Rendufe, Sande (S. Clemente), Sande (Villa Nova), Selho (S. Christovão), Silvares, Souto (Salvador), Taboadello, Tagilde e Vermil.

Em Santa Leocadia de Briteiros e em S. Christovão de Selho foram creadas escolas que não funcçionam por falta de casa ou mobiliario e material de ensino; em S. Salvador de Briteiros ha uma escola particular do sexo masculino pouco frequentada. Portanto — 37 freguesias onde não funcçiona escola alguma, 36 onde não ha creada qualquer escola official e 35 completamente desprovidas de escolas! Quasi metade da população do concelho de Guimarães está votada ao analfabetismo...

---

<sup>1</sup> Tanto este como os mappas da frequencia escolar e os outros mappas que vam insertos no presente numero da *Revista de Guimarães* foram organisados com os valiosos elementos que muito obsequiosa e amavelmente nos forneceu o illustre sub-inspector do circulo escolar de Guimarães, o sr. Antonio Justino Ferreira, a quem mais uma vez agradecemos.

Em resumo dos mappas das escolas — existem no concelho: 21 mixtas; 17 officiaes do sexo masculino, 4 particulares do sexo masculino; 7 officiaes do sexo feminino e 3 particulares do sexo feminino, não contando as escolas centrais.

Para 7 freguesias, em que ha escolas dos sexos masculino e feminino, 10 têm apenas escolas do sexo masculino. Entrando em conta com as mixtas, excluindo as freguesias urbanas e porque não ha freguesia apenas com escola para o sexo feminino, temos — *48 freguesias no concelho sem escola alguma, particular ou official, do sexo feminino.*

As creanças recenseadas nas freguesias desprovidas de escolas officiaes sam 1:008 do sexo masculino e 1:055 do feminino, ou sejam 2:068 creaturas que não vam á escola porque a não tem. Entre serviçais, domesticas, lavradeiras e operarias, sobretudo nas freguesias não urbanas, 90 por cento não sabem lêr.

Vamos, por agora, á contagem das escolas, abstraindo o modo como se acham installadas e funcionam. Esse é um outro capitulo não menos interessante e mais doloroso talvez.

Acrescentaremos que não ha rasão alguma que justifique o abandono das 38 freguesias. O concelho de Guimarães com uma superficie de 257,10 kilometros quadrados tem 213 habitantes por kilometro quadrado ou 170 subtraindo a população citadina <sup>1</sup> e essa população é distribuida pelo concelho sem grandes variantes.

---

<sup>1</sup> João Monteiro de Meyra, *O Concelho de Guimarães.*

## ESCOLAS OFFICIAIS E PARTICULARES

ANNO DE 1908

	Freguezias	Masc.	Fem.	Mixtas	Masc.	Fem.
1	Abbação (S. Christovão).	—	—	—	—	—
2	Abbação (S. Thomé) . . .	—	—	1	—	—
3	Airão (S. João). . . . .	—	—	—	—	—
4	Airão (Santa Maria). . .	—	—	1	—	—
5	Aldão . . . . .	—	—	—	—	—
6	Arosa . . . . .	—	—	1	—	—
7	Athães. . . . .	1	—	—	—	—
8	Azures . . . . .	—	—	1	—	—
9	Balazar . . . . .	—	—	—	—	—
10	Barco . . . . .	—	—	—	—	—
11	Briteiros (Santo Estevão).	—	—	1	—	—
12	Briteiros (Santa Leocadia). . . . .	(a)	—	—	—	—
13	Briteiros (S. Salvador). . .	—	—	—	1	—
14	Brito . . . . .	1	—	—	—	—
15	Caldas (S. João) . . . . .	1	1	—	—	—
16	Caldas (S. Miguel) . . . . .	1	1	—	—	—
17	Caldellas. . . . .	1	1	—	—	—
18	Calvos. . . . .	—	—	—	—	—
19	Candoso (S. Martinho). . .	—	—	1	—	—
20	Candoso (S. Thiago). . . .	—	—	—	—	—
21	Castellões . . . . .	1	—	—	—	—
22	Conde . . . . .	1	—	—	—	—
23	Corvite . . . . .	—	—	—	—	—
24	Costa . . . . .	—	—	—	—	—
25	Creixomil . . . . .	—	—	1	—	—
26	Donim. . . . .	—	—	—	—	—
27	Fermentões. . . . .	—	—	1	—	—
28	Figueiredo. . . . .	—	—	1	—	—
29	Gandarella. . . . .	—	—	—	—	—
30	Gemeos . . . . .	—	—	—	—	—
31	Gominhães . . . . .	—	—	—	—	—
32	Gonça . . . . .	—	—	1	—	—
33	Gondar . . . . .	—	—	—	—	—
34	Gondomar . . . . .	—	—	1	—	—
35	Guardisella. . . . .	—	—	—	—	—
36	Castello . . . . .	Guimarães cidade	uma central não ma- gurada; lo- gares a concurso	—	—	—
37	Oliveira . . . . .			—	—	—
38	S. Paio . . . . .			Idem	3	3 (b)
39	S. Sebastião . . . . .			—	—	—

	Freguezias	Masc.	Fem.	Mixtas	Masc.	Fem.
40	Infantas . . . . .	—	—	1	—	—
41	Infias . . . . .	—	—	—	—	—
42	Leitões . . . . .	—	—	—	—	—
43	Lobeira . . . . .	—	—	—	—	—
44	Longos . . . . .	—	—	1	—	—
45	Lordello . . . . .	1	—	—	—	—
46	Mascotellos . . . . .	—	—	—	—	—
47	Matamá . . . . .	—	—	—	—	—
48	Mesão-Frio . . . . .	—	—	1	—	—
49	Moreira . . . . .	—	—	—	—	—
50	Nespeira . . . . .	1	1	—	—	—
51	Oleiros . . . . .	—	—	—	—	—
52	Paraíso . . . . .	—	—	—	—	—
53	Pencéllo . . . . .	—	—	—	—	—
54	Pentieiros . . . . .	—	—	1	—	—
55	Pinheiro . . . . .	—	—	—	—	—
56	Polvoreira . . . . .	—	—	—	—	—
57	Ponte . . . . .	1	—	—	—	—
58	Prazins (Santa Eufemia) . . . . .	—	—	1	—	—
59	Prazins (Santo Thyrso) . . . . .	—	—	—	—	—
60	Rendufe . . . . .	—	—	—	—	—
61	Ronfe . . . . .	1	—	—	—	—
62	Sande (S. Clemente) . . . . .	—	—	—	—	—
63	Sande (S. Lourenço) . . . . .	1	1	—	—	—
64	Sande (S. Martinho) . . . . .	1	1	—	—	—
65	Sande (Villa Nova) . . . . .	—	—	—	—	—
66	S. Torquato . . . . .	1	1	—	—	—
67	Selho (S. Christovão) . . . . .	—	—	(c)	—	—
68	Selho (S. Jorge) . . . . .	1	—	—	—	—
69	Selho (S. Lourenço) . . . . .	—	—	1	—	—
70	Serzedello . . . . .	—	—	1	—	—
71	Serzedo . . . . .	1	—	—	—	—
72	Silvares . . . . .	—	—	—	—	—
73	Souto (Santa Maria) . . . . .	1	—	—	—	—
74	Souto (S. Salvador) . . . . .	—	—	—	—	—
75	Taboadello . . . . .	—	—	—	—	—
76	Tagilde . . . . .	—	—	—	—	—
77	Urgezes . . . . .	—	—	1	—	—
78	Vermil . . . . .	—	—	—	—	—
79	Vizella (S. Faustino) . . . . .	—	—	1	—	—
80	Vizella (S. Paio) . . . . .	—	—	1	—	—

(a) Está creada uma escola para o sexo masculino, mas ainda não foi posta a concurso por falta de mobiliário e material de ensino.

(b) É uma mixta.

(c) Foi creada, ha doze annos, uma escola nesta freguezia que nunca funcionou por falta de casa. O actual sub-inspector pediu a conversão d'ella em feminina e a sua mudança para S. Jorge de Selho, o que obteve parecer favoravel no Conselho Superior.

## A frequencia

Acompanhando as notas seguintes do movimento escolar no anno corrente diz-nos o illustre sub-inspector: « Estão recenseadas 3:399 creanças do sexo masculino e 3:320 do feminino. Como é o primeiro anno que este serviço se faz, na maioria das freguesias, é possível que não seja rigoroso, especialmente onde não ha escolas. Nas escolas officiaes e nas particulares que funcçionam regularmente, isto é, legalmente, estão matriculadas 1:771 creanças do sexo masculino e 1:011 do feminino, sendo a frequencia regular, respectivamente, de 1:192 e 539. A differença entre as creanças recenseadas e as matriculadas é de 1:801 do sexo masculino e 2:413 do feminino, mas como n'algumas escolas o numero de matriculadas é superior ao de recenseadas, frequencia que provém d'outras freguezias, 173 do sexo masculino e 104 do feminino, corrigindo, o numero dos que não recebem instrucção é de 1:628 do sexo masculino e 2:709 do feminino.

« É claro que n'algumas escolas estão matriculadas creanças de mais de 12 annos d'idade e outras de fóra do concelho, portanto aquelles numeros devem sofrer alteração para mais. Abstraindo d'esta differença, que deve ser insignificante, estão matriculadas 52 % das creanças recenseadas do sexo masculino e 30 % do feminino e não frequentam a escola 48 % das primeiras e 70 % das segundas. Mas das matriculadas somente tem frequencia regular, em relação ao recenseamento, 35 % do sexo masculino e 16 % do feminino.

« No anno findo, o numero de matriculados foi de 1:367 do sexo masculino e 598 do sexo feminino, com uma frequencia regular de 966 e 402 respectivamente, havendo, portanto, um augmento de matriculas de 404 do sexo masculino e 413 do feminino, no anno corrente. »

Foi attendendo ao muito lento progresso na matriculação das creanças do sexo feminino que ainda hoje accusam uma percentagem de 70 % de analphabetas, calculada sobre o recenseamento, e considerando o facto de 16 % apenas terem frequencia regular — que, tanto em relação a menores como adultas, nós calculamos 90 % das mulheres de freguesias rurais completamente ignorantes. É certo que 5 % das instruidas esquecem na luta da vida os poucos rudimentos que adquiriram na escola e não será facil, por consequencia, encontrar nessas freguesias mais de 5 % em que a instrucção fixa seja productiva e duradoira.

As que exodaram para a cidade — creadas, operarias, etc., não melhoram de situação intellectual. Ganham a sua vida conforme podem. Mesmo na cidade, nas classes pobres, o analfabetismo é dominante sobretudo nas raparigas que andam pela rua, ao abandono, quasi nuas de corpo e de espirito.

João de Meyra escreveu no *Concelho de Guimarães* que, segundo o censo de 1900, *de 1:000 homens sabem lêr 284, e, de 1:000 mulheres, 140*. Isto é, 71,6 % e 86 % de analfabetos respectivamente do sexo masculino e feminino.



Freguezias		Criações reconhecidas de 6 a 13 annos		Criações matriculadas						Frequencia irregular		Criações que não frequentam a escola	
		Sexo m.	Sexo f.	Escolas officiaes	Escolas particulares		Frequencia regular		m.	f.	m.	f.	
Castellões.	24	17	25	—	—	—	—	—	—	—	—	—	17
Conde . . . . .	17	13	54	—	—	—	—	22	—	—	—	—	13
Corvite . . . . .	25	12	—	—	—	—	—	42	—	—	—	—	12
Costa. . . . .	34	35	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	25
Creixomil. . . . .	128	133	26	30	—	—	—	—	—	—	—	—	34
Donim . . . . .	20	23	—	—	—	—	—	26	—	—	—	—	35
Fermentões. . . . .	83	69	25	25	—	—	—	—	—	—	—	—	103
Figueiredo . . . . .	16	20	13	3	—	—	—	24	25	1	—	—	23
Gandarella . . . . .	24	20	—	—	—	—	—	13	3	—	—	—	17
Gemeos. . . . .	16	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	20
Gominhães . . . . .	19	19	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3
Gonça . . . . .	29	34	25	12	—	—	—	—	—	—	—	—	24
Gondar. . . . .	26	48	—	—	—	—	—	18	—	7	3	—	13
Gondomar . . . . .	27	34	20	13	—	—	—	—	—	—	—	—	16
Guardizella. . . . .	63	54	—	—	—	—	—	10	8	10	5	—	19
Castello . . . . .								—	—	—	—	—	22
Oliveira . . . . .	392	353	164	79	287	349	—	120	54	44	25	—	16
S. Paio. . . . .													
S. Sebastião . . . . .													
Infantas . . . . .	25	31	20	14	—	—	—	16	9	4	5	—	5



Freguesias	Crianças recensadas de 6 a 12 annos		Crianças matriculadas						Frequencia irregular		Crianças que não frequentam a escola	
	Sexo m.	Sexo f.	Escolas officiaes		Escolas particulares		Frequencia regular		m.	f.	m.	f.
			m.	f.	m.	f.	m.	f.				
Ronfe . . . . .	82	75	30	—	—	—	22	—	8	52	75	
Sande (S. Clemente) . . . . .	47	45	—	—	—	—	—	—	—	47	45	
Sande (S. Lourenço) . . . . .	43	44	80	60	—	—	72	56	8	—	—	
Sande (S. Martinho) . . . . .	63	76	48	18	—	—	38	11	10	15	58	
Sande (Villa Nova) . . . . .	25	22	—	—	—	—	—	—	7	23	22	
S. Torquato . . . . .	162	163	48	24	—	—	30	22	18	114	139	
Selho (S. Christovão) . . . . .	29	18	—	—	—	—	—	—	—	29	18	
Selho (S. Jorge) . . . . .	92	60	88	—	—	—	76	—	12	4	60	
Selho (S. Lourenço) . . . . .	15	27	21	7	—	—	16	6	5	—	20	
Serzedello . . . . .	61	61	32	17	—	—	29	16	3	29	44	
Serzedo . . . . .	26	28	49	—	—	—	45	—	4	—	28	
Silvares . . . . .	49	40	—	—	—	—	—	—	—	49	40	
Souto (Santa Maria) . . . . .	25	28	25	—	—	—	23	—	2	—	28	
Souto (S. Salvador) . . . . .	45	50	—	—	—	—	—	—	—	45	50	
Taboadello . . . . .	10	13	—	—	—	—	—	—	—	10	13	
Tagilde . . . . .	24	37	—	—	—	—	—	—	—	34	37	
Urgez . . . . .	47	44	26	12	—	—	21	10	5	21	32	
Vermil . . . . .	22	23	—	—	—	—	—	—	—	22	23	
Vizella (S. Faustino) . . . . .	20	21	18	16	—	—	7	7	11	2	6	
Vizella (S. Paio) . . . . .	23	20	29	23	—	—	23	11	6	—	—	

**TABOA DAS ADIÇÕES**  
**Movimento escolar em 1908**

Crianças recenseadas de 6 a 13 anos	Crianças matriculadas		Total das crianças matriculadas	Frequência regular		Frequência irregular		Crianças que não frequentam a escola				
	Sexo m.	Sexo f.		Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.			
	Escólas oficiais		Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.		
	Escólas particulares											
	Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.	Sexo m.	Sexo f.		
3:399	3:320		1:465	662	306	349	1:192	538	273	123	1:801	2:413

### A instrução primaria em Portugal

Agora, um pouco de historia comparada. Num livro trabalhoso e util publicado em 1872 (*L'instruction du peuple*) escrevia, referindo-se a Portugal, Émile de Laveleye: «eis os resultados obtidos em 1864 segundo as estatisticas officiaes — população: 4.188:410; numero total das freguesias: 3.978; escolas primarias publicas: 1.823; numero suposto das freguesias onde falta o ensino primario: 2.155. Este ultimo numero é terrivel, sobretudo se considerarmos isoladamente alguns districtos, como o de Vianna, em que sobre 287 freguesias — 224 não tem escola, e o de Braga, onde sobre 517 — 419 estam no mesmo caso. Ao lado das 1.823 escolas publicas ha 951 particulares, total: 2.774, 2.023 para rapases e 751 para raparigas... A metade das escolas considerava-se como pouco satisfatoria, quer sobre o aspecto da extensão, quer sob o da hygiene.» E no quadro com que termina o seu estudo de Portugal, o districto de Braga vem acompanhado dos seguintes numeros: população — 309.508; escolas publicas e particulares — 118; estudantes do sexo masculino — 3.411; feminino — 232; total — 3.643; instruidos por 100 habitantes — s. m.: 3,91; s. f.; 0,21; total 1,86.

Alguma coisa realmente se fez no decurso de quarenta e quatro annos, mas como vamos atrazados ainda!

Émile de Laveleye descreve tambem as despezas com a instrução primaria a cargo do estado e dos concelhos — «Administração central, escola normal, etc.: 14:053\$435 reis; ordenados dos professores: 154:454\$185; inspecção, pensões, etc.: 6:659\$595; subsidios concelhios: 35:580\$000; mobiliario, escolas alugadas pelas freguesias e fornecimentos: 10:400\$000: total 221:146\$215 reis.»

Segundo o censo de 1890 rectificado em 1900 a população no continente, na totalidade de 5.049:721, está assim distribuida — homens: 2.430:339; mulheres: 2.619:390. Tem o continente uma superficie de 88,740,30 kilometros quadrados, em 1900 calculava-se a media de 56,5 habitantes por kilometro quadrado. Havia 3.717 freguezias e 3.784 escolas primarias que estavam assim distribuidas <sup>1</sup>:

<sup>1</sup> Este mappa foi organizado com os elementos fornecidos por o livro destinado á Exposição Universal de 1900 — *Instrução publica em Portugal, Ensino primario*, Lisboa, 1900.

*Districto de Aveiro* — s. m. — 158; s. f. — 63; mixtas, 3; total 224.

*Beja* — s. m. — 70; s. f. — 40; m. 13; total 124.

*Braga* — s. m. — 198; s. f. — 54; m. 31; total 283.

*Bragança* — s. m. — 164; s. f. — 52; m. 47; total 263.

*Castello Branco* — s. m. — 135; s. f. — 73; m. 4; total 212.

*Coimbra* — s. m. — 179; s. f. — 66; m. 12; total 257.

*Evora* — s. m. — 55; s. f. — 29; m. 7; total 91.

*Faro* — s. m. — 60; s. f. — 44; m. 6; total 110.

*Guarda* — s. m. — 248; s. f. — 106; m. 40; total 394.

*Leiria* — s. m. — 117; s. f. — 36; m. 8; total 161.

*Lisboa* — s. m. — 164; s. f. — 127; m. 34; total 325.

*Portalegre* — s. m. — 58; s. f. — 39; m. 13; total 110.

*Porto* — s. m. — 237; s. f. — 116; m. 21; total 374.

*Santarem* — s. m. — 158; s. f. — 62; m. 7; total 227.

*Vianna do Castello* — s. m. — 134; s. f. — 29; m. 6; total 169.

*Villa Real* — s. m. — 192; s. f. — 100; m. 35; total 327.

*Vizeu* — s. m. — 320; s. f. — 164; m. 23; total 507.

Dois factos ressaltam nitidamente do confronto d'este quadro com os numeros da totalidade das escolas e freguesias no continente — que se tem feito politica escolar, deixando ao abandono certas freguesias para montar escolas e crear os respectivos lugares em outras já favorecidas <sup>1</sup>; — que a educação da mulher tem sido mais do que completamente esquecida, mas até revoltantemente afastada. E estes dois factos ajudam-nos um pouco a comprehender como, pelos ultimos dados estatisticos, a percentagem do analphabetismo se eleva a 75 0/0, como por cada 1.000 habitantes sabem lêr 295 homens e 150 mulheres, o que dá para as mulheres a media de 85 0/0 analphabetas!

Ainda ultimamente um par do reino <sup>2</sup> dizia na sua camara que a instrução em Portugal tal como está é peor do que se não existisse, porque tendo 5.338 escolas primarias (naturalmente somou as officiais e particulares) que deviam ensinar 200:000 pessoas, ha apesar d'isso 75 por cento de analphabetos.

<sup>1</sup> Em alguns pontos, os habitantes designam as escolas pelo nome do influente eleitoral que as creou, e repartem-se pelas escolas os filhos conforme a politica dos pais.

<sup>2</sup> Sessão da Camara dos Pares de 1 de junho de 1908, disc. de José de Azevedo C. Branco.

Na sequencia do nosso modesto trabalho haverá occasião de analysarmos alguns outros factores de alphabetismo, indicando um ou outro meio efficaz para combate-lo.

Qual era em 1900 a dotação das escolas primarias?

*Receita* <sup>1</sup>

Contribuição das municipalidades — 390:024\$390.

Imposto especial municipal — 549:943\$892.

Imposto districtal — 123:943\$753.

Legados — 1:223\$623.

Estado — 253.259\$653.

*Despesa*

Escolas normais e preparatorias para o professorado de instrucção primaria — 64.842\$315.

Escolas de instrucção primaria — 1:187.133\$824.

Administração districtal — 13:910\$000.

Diversas — 52:109\$172.

Não ha a menor duvida de que, como em diplomas que revestem character official, receita e despesa estam em equilibrio — 1.317:995\$311 = 1.317:995\$311; mas os governos confessaram já que do fundo que no orçamento se destina á instrucção haviam saído algumas verbas para outras applicações. A maior parte da receita, para que o estado contribue com menos de tresentos contos, é para a burocracia do ensino e tanto basta para que logo fique perdido o equilibrio entre ella e a verdadeira despesa com a instrucção. É certo que, com igual quantia, se podiam obter maiores resultados, se a sua repartição se norteasse por um são criterio politico, dando-se, para além do minimo prefixado, conforme a quantidade de trabalho util produzido.

#### Aproveitamento escolar

Sam dados colhidos na *Estatistica do ensino primario* <sup>2</sup> que resumimos conforme as necessidades e extensão do nosso trabalho, pondo de lado a distincção entre os varios alumnos que sam reprovados simplesmente ou excluidos em uma prova ou que se não apresentaram, e as varias fórmulas de aprovação.

<sup>1</sup> Caetano Pinto, *Instruction Publique en Portugal, L'École Primaire*, Lisbonne, 1900. Para a Exposição Universal de 1900.

<sup>2</sup> A (Parte II) M. dos Negocios do Reino, Lisboa, 1905.

Concelho do Guimarães	Escolas officiaes		Escolas particulares		Ensino domestico		Total	
	s. m.	s. f.	m.	f.	m.	f.	m.	f.
<i>Exames do 1.º grau. 1902-1903</i>								
Em idade escolar propostos para exame.	94	30	95	52	6	3	195	86
Aprovados . . . . .	87	26	90	49	6	3	183	78
Reprovados ou que se não apresentaram .	7	4	5	3	—	—	12	7
Fora da idade que requereram exame. .	7	2	2	2	1	2	10	6
Aprovados . . . . .	6	1	2	1	1	2	9	4
Reprovados. . . . .	1	1	—	1	—	—	1	2
<i>Exames do 2.º grau. 1902-1903</i>								
Requereram exame .	29	3	35	18	7	1	71	22
Aprovados . . . . .	26	3	32	17	6	1	64	21
Reprovados, excluidos ou que se não apresentaram. . . . .	3	—	3	1	1	—	7	1
<i>Exames do 1.º grau. 1903-1904</i>								
Em idade escolar propostos para exame.	88	28	56	38	2	—	146	66
Aprovados . . . . .	80	17	48	35	2	—	130	52
Reprovados ou que se não apresentaram .	8	11	8	3	—	—	16	14
Fóra da idade que requereram exame. .	29	10	11	9	2	—	42	19
Aprovados . . . . .	25	6	11	9	2	—	38	15
Reprovados ou que se não apresentaram .	4	4	—	—	—	—	4	4
<i>Exames do 2.º grau. 1903-1904</i>								
Requereram exame .	24	6	30	13	4	1	58	20
Aprovados . . . . .	17	6	25	13	4	1	46	20
Reprovados, excluidos ou que se não apresentaram. . . . .	7	—	5	—	—	—	12	—

É bastante limitado o valor da estatística do aproveitamento escolar.

Os professores officiaes ou particulares não consentem, senão até por amor proprio, que alumnos inhabilitados vam sujeitar-se a exame em que d'alguma forma elles sam examinandos.

Os candidatos, por causa do methodo vigente no ensino, estam vergados no curso da prova a um supersticioso receio que domina e vence os timoratos que sam intelligentes e ajuda os ignorantes ou os cabulas audaciosos. O exame tal como se faz é uma inspecção restricta a pontos certos, havendo quem ganhe fama em saltar de materia a materia na mais absoluta incomprehensão de como funciona a machina cerebral e valente que não deixa a pergunta em cuja resposta a victima falhou. Depois vem o empenho, o favoritismo, o temperamento dos examinadores e quer a ridicula facilidade das provas do sexo feminino, quer, ao contrario, a ruim pretensão de eguala-las ás do masculino.

Se quisermos comparar, só pela estatística, o alumno portuguez a qualquer outro depararemos com uma dificuldade invencivel: cada um dá as provas no seu meio a que os professores estam adaptados ou tem de adaptar-se.

Todavia pela estatística chegamos á conclusão relativa, a que aliaz somos guiados por outros factos, de que o portuguez é em geral intelligente, mas havendo sido desaproveitada a sua intelligencia de forma a imperar n'elle a imaginação sobre o raciocinio.

«No anno lectivo de 1902-1903 foram propostos e requereram exame do 1.º grau 26.017 alumnos, 18.559 do sexo masculino, 7.458 do feminino. Foram propostos para exame do 1.º grau 19.666 alumnos em idade escolar; requereram exame 6.351 alumnos fora da idade escolar. Dos 26.017 alumnos foram *aprovados* 22.844 (17.286 propostos, 5.608 requerentes); *reprovados* 1.844 (1.426 propostos, 418 requerentes); *não se apresentaram ás provas* 1.329 alumnos (1.004 propostos, 325 requerentes). Requereram exame do 2.º grau 8.099 alumnos, 6.030 do sexo masculino e 2.069 do sexo feminino. Dos 8.099 alumnos referidos foram *aprovados* 6.623; *reprovados* 652, *excluidos da prova oral* 320; e *não se apresentaram ás provas* 504 alumnos.

No anno lectivo de 1903-1904 foram propostos e requereram exame do 1.º grau 29.893 alumnos, 20.801 do sexo masculino, 9.092 do sexo feminino. Foram propostos para

exame do 1.º grau 23.401 alumnos em idade escolar; requereram esse exame 6.492 alumnos fóra da idade escolar. Dos 29.893 alumnos referidos foram *aprovados* 27.007 (21.152 propostos, 5.855 requerentes); *reprovados* 1.923 (1.496 propostos, 427 requerentes); e *não se apresentaram ás provas* 963 alumnos (753 propostos, 210 requerentes). Requereram exame do 2.º grau 8.238 alumnos, 6.209 do sexo masculino e 2.029 do sexo feminino. Dos 8.238 alumnos referidos foram *aprovados* 7.163; *reprovados* 705; *excluidos da prova oral* 189; e *não se apresentaram ás provas* 181 alumnos » <sup>1</sup>.

Um outro ponto a notar na estatística que vimos apreciando é o decrescimento do ensino domestico. No anno lectivo de 1902-1903 apresentaram-se a exame do 1.º grau 309 do s. m. e 136 do f. e do 2.º grau 179 e 122; no anno lectivo de 1903-1904 apresentaram-se a exame do 1.º grau 696 do s. m. e 512 do f. e do 2.º grau 318 e 131 alumnos habilitados pelo ensino domestico.

Ora, se em parte o decrescimento é determinado pelo augmento de escolas, por outra revela-se uma causa ainda produsida pelo analphabetismo e denota a anarchia familiar.

EDUARDO D'ALMEIDA.

---

<sup>1</sup> *Relatorio* do director de Instrucção publica, Abel Andrade, no *Boletim* citado.



da época em que vivemos, deixará de reconhecer e proclamar que a instrução publica é um dos mais indispensaveis elementos, não só do desenvolvimento moral da humanidade, mas tambem do progresso constante das forças productivas de qualquer nação», confessava-se que «os dois estabelecimentos de instrução industrial, que entre nós se fundaram em 1852, têm passado por diferentes vicissitudes e combatido numerosas difficuldades, que principalmente o instituto industrial de Lisboa tem sempre vivido uma vida anomala.»

O decreto de 20 de setembro desse anno reformava os institutos de Lisboa e Porto e dispunha no artigo 9.º: «*Estabelecer-se-hão desde já escolas industriaes em Guimarães, Covilhã e Portalegre*, e no futuro nas mais terras do reino que pela sua importancia fabril carecerem d'ellas.» Logo em 1869 (relatorio do decreto de 30 de dezembro) o governo explicava: «Se não fossem as difficuldades do thesouro publico com que actualmente temos de lutar, um tal influxo nos instigaria ainda a ampliar aquelle ensino (o profissional reduzido a Lisboa e Porto), estabelecendo escolas profissionaes elementares nos principaes centros industriaes do paiz, onde se ministrasse a conveniente instrução theorica e pratica para o aperfeiçoamento das nossas industrias, artes e officios, dando-lhe a direcção mais adaptada ás diversas especialidades locais»; mas as difficuldades do thesouro não obstarão a que se empregasse 42:260\$000 na organização do tribunal de contas, ganhando o conselheiro presidente 2:000\$000... (regimento de 21 de abril de 1869).

Só em 1884, vinte annos depois do celebre artigo 9.º, era creada a escola industrial em Guimarães que, ainda hoje, sem offensa para alguém, vinte e quatro annos depois de instituida, não é mais do que um barracão levantado sobre as ruinas dum edificio incompleto onde miseravelmente apodrece, nos caixotes de que nunca safu, todo o machinismo que ali se arrecadou e tinha de servir no ensino profissional da escola! E para isso quantas lutas...<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *A legislação (1884-1890).*

A 3 de janeiro de 1884 o governo publica um decreto creando uma escola industrial na Covilhã para «ministrar o ensino apropriado ás industrias predominantes n'aquella localidade», devendo o ensino ter uma fórma « eminentemente pratica ». Fazia a promessa de crear successivamente « escolas industriaes nas demais terras do reino onde estejam estabelecidos, ou venham de futuro

Nós vivemos decididamente no paiz da rhetorica balôfa, cuja palavra sonôra e vibrante é mentira que não illude a falta de iniciativa, a falta de character e bom senso.

Em 1884, pela fundação da escôla industrial da Covilhã,

a estabelecer-se importantes centros de producção». Mais creava oito escôlas de desenho industrial: tres no Porto, tres em Lisboa, uma nas Caldas da Rainha e uma em Coimbra. Já em 24 de dezembro de 1883 foram creados, com a dotação de 6:000\$000 — rendimento dos privilegios de invenção — «dois museus industriaes e commerciaes», com séde um em Lisboa e outro no Porto, o primeiro na «real casa pia de Lisboa e o segundo em qualquer edificio do estado. Cada museu tinha duas secções, industrial e commercial, e cada secção dividia-se em duas sub-secções, nacional e estrangeira. No regulamento geral das escôlas industriaes e escôlas de desenho industrial dizia-se «que as escôlas e os museus industriaes e commerciaes — têm por fim lançar os primeiros lineamentos de uma instituição analoga ao real-imperial museu austriaco de Arte e Industria, em Vienna, e ao museu inglez de South Kensington (a), promovendo a restauração do ensino industrial, e tomando como ponto de partida para esse fim a diffusão do ensino nacional do desenho elementar e do desenho industrial»; que as cadeiras de desenho, creadas por decreto de 3 de janeiro, e as que successivamente se forem creando «serão os nucleos das escôlas industriaes futuras»; que o ensino do desenho tinha dois graus, elementar ou geral e industrial ou especial, aquelle com duas classes, preparatoria e complementar, este com tres ramos, ornamental, architectural e mechanico (além das cadeiras de desenho a escôla da Covilhã ficava com as cadeiras de arithmetica e chimica industrial); que as cadeiras de desenho se localisariam em Belem, em Alcantara, no suburbio de Xabregas, em Villar — no Porto, no Bomfim — Porto, em Villa Nova de Gaya, em Coimbra, nas Caldas da Rainha, na Covilhã — fazendo parte da escôla industrial —, em Portalegre, em Thomar, em Guimarães e em Torres Novas (6 de maio de 1884).

A 9 de outubro determinava-se que ás oito escôlas do sul se dessem estes nomes — *Marquez de Pombal* á de Alcantara, *Affonso Domingos* á de Xabregas, *Gil Vicente* á de Belem, *Rainha Dona Leonôr* á das Caldas da Rainha, *Victorino Damasio* á de Torres Novas, *Jacome Ratton* á de Thomar, *Fradesso da Silveira* á de Portalegre, *Campos Mello* á da Covilhã.

(a) Ramalho Ortigão no livro *John Bull* (Porto, 1837) descreve o museu de South Kensington, faz a sua historia e a da influencia do ensino artistico elementar e seu resultado no progresso das industrias inglezas. É um capitulo interessante a quem mereça cuidado o estudo da instrucção profissional. Estabelecido em 1851, por causa do estado de impotencia das industrias inglezas para competir com as da França, da Italia, da Suissa ou da Belgica, demonstrada na exposição de 1851, terminou a evolução rapida, segura e victoriosa da industria nacional. Em vista dos seus resultados fundou-se o museu de Vienna em 1861.

a cidade de Guimarães viu abandonada a justa preferencia que mereciam a sua vida e importancia economicas, reconhecidas pelo governo em documento publico. Realisou-se então um bello movimento de reinvidicação e defesa a que toda a alma

A 11 de dezembro o *Diario do Governo*, n.º 282, publicava o seguinte decreto que tinha a data de 3 :

« *Attendendo ao que me tem sido representado pela camara municipal de Guimarães, pedindo a criação de uma escola industrial n'aquella cidade ;*

*Considerando o grande desenvolvimento industrial d'este importante centro de producção, affirmado, entre outras manifestações, mais notavelmente pela ultima exposição que ali se celebrou ;*

*Visto o §. unico do artigo 1.º do decreto de 3 de janeiro de 1884 :*

*Hei por bem decretar o seguinte :*

*Artigo 1.º É creada na cidade de Guimarães uma escola industrial, que tem por fim ministrar o ensino apropriado ás industrias predominantes n'aquella localidade, devendo este ensino ser eminentemente pratico.*

*Artigo 2.º A escola industrial de Guimarães comprehenderá as seguintes disciplinas : arithmetica, geometria elementar e contabilidade industrial ; desenho industrial ; e chimica industrial.*

*§. unico. A cadeira de desenho industrial, actualmente existente na cidade de Guimarães, passará a formar parte da escola industrial logo que esta comece a funcionar.*

*Artigo 3.º O governo mandará inscrever no orçamento do estado para o anno economico de 1885-1886 as quantias necessarias para a dotação e pessoal das duas novas cadeiras creadas por este decreto.*

*Artigo 4.º A escola industrial de Guimarães só começará a funcionar depois de approvadas pelas côrtes as verbas a que se refere o artigo precedente. »*

A 5 de dezembro de 1884 eram dados nomes ás escolas industriaes e de desenho industrial, do norte : *Infante D. Henrique* á de Villar, *Passos Manuel* á de Gaya, *Faria Guimarães* á de Bomfim, *Brotero* á de Coimbra, *Francisco de Hollanda* á de Guimarães.

Em 11 de dezembro de 1884 era creada uma escola de desenho industrial na cidade de Braga.

Os governos pareciam animados do bom intuito de diffundir a instrucção profissional e empenhados nessa obra. Puro engano — e a quem não engana a politica portugueza ? Todo o anno de 1885 se passa e o governo dá unicamente o Regulamento da Escola Industrial *Campos de Mello*, na Cavillã (a 9 de junho). Em 1886 sam approvados os regulamentos provisorios para o ensino profissional das escolas *Fradesso da Silveira*, de Portalegre (10 de setembro), *Gil Vicente*, de Belem (22 de outubro), *Marquez de Pombal*, de Alcantara (22 de outubro), *Affonso Domingues*, Xabregas (2 de dezembro). É a 30 de dezembro finalmente que se approva o *Plano*

vimaranense, intelligencia, actividade e amor por forte cunho de altiva e clara justiça e que cogina querida e infelizmente rara <sup>1</sup>. D'entre se de coragem civica salientaremos a exposição i

*de organização do ensino industrial e commercial,* Regulamento das Escólas Industriaes e de deser 23 de fevereiro de 1888. Neste anno, a 23 de abril nomes ás escólas de Peniche, *Rainha D. Maria I Prínceza D. Amelia* — de Leiria, *Domingos de Saq Pedro Nunes*, recentemente creadas; a 13 de ju va-se ao quadro das disciplinas professadas na de Guimarães duas cadeiras: a) principios de phy de mechanica, b) lingua franceza e que o ensin completado com o trabalho manual, e na mesma va-se a lingua franceza ao quadro das disciplinas trial da Covilhã, estabeleciam-se officinas junto d creava-se uma escóla industrial em Alcantara, *M bal*, outra no Porto, *Faria Guimarães*, e escólas d trial em Bragança, Faro, Figueira da Foz, Leiria, do Castello e Valença. Em 1889 sam creadas escól em Braga (10 de janeiro), em Bragança para ei pratico apropriado ás industrias predominantes n (25 de abril), em Thomar (25 de abril), na Figueir outubro) e em Chaves (31 de outubro) e as esc industrial — do Funchal e Mattosinhos (10 de jane de março), Ponta Delgada (22 de agosto), Alemq bro), Angra do Heroismo (31 de outubro); addic franceza ao quadro disciplinar da escóla *Faria* o Porto (10 de janeiro), o portuguez á escóla industr (31 de outubro) e á escóla industrial *Marquez de cantara* (idem). Em 1890 é creada em Portalegre dustrial — *Fradesso da Silveira*.

<sup>1</sup> Algumas linhas... Logo que foi conhecido de janeiro de 1884, Guimarães reclamou uma es allegando que a Covilhã não era centro industrial n pois, segundo o *Anuario das Contribuições direc gava* 15:2113677 reis de contribuição industrial. A Sociedade Martins Sarmento elabora uma repres verno em que fallava do decreto de 1854, cuja pro tira em 1882 (projecto de lei n.º 116-A). Reunida mente para saber como recebera o ministro das ol representação, os snrs. Conde de Margaride e Bari offerecem-se para ir a Lisboa tratar do assumpt neiro, o dr. Avelino Guimarães escreve no *Espect intitulado* — *A escóla industrial e as industrias em onde menciona a acção fecundante e benemerita Martins Sarmento, analisa as industrias vimaraner tra a injustiça da preterição, artigo completado em de fevereiro. A Associação Artistica Vimaranense d verno afirmando ser justissima e urgente a creaçã*

salutares efeitos que não esqueceram ainda e cujo valor intrinseco subjugou o governo, forçando-o a reconhecer a boa razão do nosso protesto.

Effectivamente o concelho de Guimarães apresentou a

---

industrial e não a conceder seria grave erro de administração publica. A Camara Municipal e a Associação Clerical Vimaranesense representam igualmente ao governo e outra representação, muito desenvolvida, é assignada pelo povo de Guimarães que se queixa de que, sob a falsa promessa de 1864, fôra transferida em 1871 para o lyceu de Bragança o professor da cadeira de arithmetica e geometria com applicação á industria e de lingua franceza em curso biennial, que aqui fôra creada por decreto de 9 de janeiro de 1862!

De Lisboa não vinham noticias animadoras (*Religião e Patria*, n.º 18, 4 de março). Na sessão de 9 de março, que foi sollemnissima, a Sociedade Martins Sarmiento conferiu um premio a um operario alumno da aula nocturna de desenho industrial e cobria de applausos o professor Cardoso, trocando-se entusiasticas e brilhantes allocuções dos drs. José Sampaio, presidente da direcção, e Motta Prego, da Camara Municipal. Finalmente concede-se a Guimarães uma escola de desenho industrial. «Na camara dos snrs. deputados foi votada, na approvação do orçamento, uma proposta do snr. Marianno de Carvalho, acceita pela respectiva commissão, para ser creada uma escola de desenho industrial nesta cidade. Parece que fica assim reparada uma parte da injustiça com que foi tratada esta cidade, quando o snr. ministro das obras publicas creou escolas industriaes em outras partes, esquecendo-se de nós, que fomos sempre considerados em primeiro lugar em todas as tentativas d'este genero: mas uma escola de desenho industrial não é propriamente uma escola industrial, e nós temos direito a esta. Venha a escola industrial e reparar-se-ha toda a injustiça» (*Religião e Patria*, n.º 25, 26 de março). A camara lavra na acta da sessão de 16 de março um voto de agradecimento a Marianno de Carvalho, o que faz tambem a Sociedade Martins Sarmiento. Consta, porém, logo depois e não sabemos com que fundamento, que Marianno de Carvalho nada fizera mas sim a commissão do orçamento, facto sobre que os jornaes se envolvem em polemica.

A Sociedade Martins Sarmiento e a Camara Municipal dirigem-se á Camara dos Pares solicitando se eleve a votação da receita da escola de desenho industrial para a creação duma escola industrial, com o quadro de estudos indicado no decreto de 20 de dezembro de 1864, entregando essas representações o par do reino snr. Conde de Margaride que, em lugar oportuno, mandou para a n.esa um aditamento propendo a creação da escola industrial. A camara offerece casa para a instalação duma escola official pelo que é louvada em portaria.

A linha ferrea Guimarães-Trofa é inaugurada numa segunda-feira, 14 de abril de 1884, chegando o comboio á estação do Cavalinho ás 10 e 50 minutos da manhã. Era mais um elemento de successo para a exposição industrial de que a Sociedade Martins

importantissima verba de 1.456:882\$000 reis de producção! Foi o periodo aureo da industria vimaranense e que aliás se vinha já annunciando, como se verificou no inquerito industrial de 1881 que no concelho foi reduzido ás industrias do ferro — que produzia annualmente 100:000\$000 de artefactos e empregava mais de 1:000 operarios —, de tecidos de linho e algodão, fundição, serralheria e moagem, fabricaçào de cortumes do mais largo trafico pois se calculava o valor de producção annual em muito mais de 1.000:000\$000, e de cotins de algodão, tintos em fio, de producção annual entre 20 a 30 contos<sup>1</sup>. Vamos publicar o mappa da exposiçào industrial de 84, comparando-o com o resultado estatistico do inquerito industrial de 1890. Em 1884 a nossa industria era principalmente manufactureira e em 1890 as industrias domesticas encontravam-se, no concelho, em vespera de ruina completa. Desappareceram industrias muito rendosas e outras iam entrar em decadencia.

É symptomatica a analyse dos dois quadros :

---

Sarmento andava tratando desde 17 de dezembro de 1883, entregando-se a Alberto Sampaio, a alma dessa festa do trabalho, o illustre vimaranense (ainda vivo quando escreviamos esta nota) a quem esta nossa terra deve o que nunca lhe pagou, a não ser com a mais feia e noventa ingratição, o encargo de elaborar o programma e o maior de ajudar a effectua-lo. E effectivamente — a 15 de junho de 1884 é inaugurada, no palacio de Villa Flôr, — a *Exposiçào Industrial de Guimarães*. Da parte do governo foi encarregado de a estudar o director do Instituto Industrial do Porto, Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa.

<sup>1</sup> Vej. *Inquerito Industrial de 1881*, segunda parte, livro 3.º, pag. 263 a 266.

## A Exposição Industrial de 1

Industrias	Estabelecimentos	Forma de produção	Operarios		Operarias		Materias primas	Pro
			maiores	menores	maiores	menores		
...	1	fábril	11	2	12	3	1:600\$000	5:8
aphia	6	manual	8	2	—	—	300\$000	2:4
nação	1	»	1	—	—	—	120\$000	4
aphia	1	—	—	—	—	—	—	—
aria	3	manual	17	7	—	—	1:100\$000	5:8
...	—	»	25	5	—	—	4:600\$000	9:0
eria e fundição	2 (?)	fábril	43	9	—	—	8:800\$000	16:0
ia	7 (?)	manual	361	72	—	—	16:593\$000	56:0
ia	2 (?)	»	8	5	—	—	1:440\$000	4:8
aria	1	»	3	—	—	—	540\$000	1:7
a	3	»	5	1	1	—	200\$000	1:0
aria	9 (?)	»	19	6	—	—	24:000\$000	32:0
...	5 (?)	»	27	13	—	—	6:325\$000	10:0
ria	1	»	2	1	—	—	1:200\$000	1:7
de linho	—	»	—	—	1.559	—	—	22:0
ria	3	»	3	—	—	—	—	1:0
ros de linha.	—	»	—	—	100	—	4:500\$000	9:0
algodão e linho.	—	»	750	115	150	70	160:130\$000	308:0
brancas, etc.	—	»	—	—	373	—	—	45:0
e riscados.	500	»	500	50	110	50	150:000\$000	210:0
ria	1 (?)	»	16	—	—	—	3:861\$000	4:0
ardas.	1 (?)	»	2	—	2	—	350\$000	—
ria	2	»	—	—	—	—	—	—
eria	4	»	120	30	—	—	—	13:0
ções	6	»	3	—	22	10	—	2:0
e correios.	—	»	8	5	—	—	3:200\$000	2:0
...	—	»	200	166	7	—	68:860\$000	93:0
...	3	»	13	5	—	—	900\$000	4:0
...	—	»	40	—	25	—	40:140\$000	—
aria	—	»	19	—	35	—	36:670\$000	43:0
elas, sabão	1	»	6	—	—	—	8:400\$000	11:0
...	3	»	9	—	—	—	4:550\$000	5:0
...	1	»	2	—	—	—	1:125\$000	1:0
es	—	»	200	70	20	10	458:000\$000	529:0
ria	4	»	15	—	—	—	?	—
ações civis	—	»	805	—	—	—	?	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—

<sup>1</sup> A estatística do anno de 1884 foi organizada á face do *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães* e a do anno de 1890 em

# o Inquerito Industrial de 1890

Industrias	Estabelecimentos	Forma de produção	Operarios		Operarias		Materias primas (em 1889)	Produção (em 1889)
			maiores	menores	maiores	menores		
Typographia . . . . .	2	manual	3	1	—	—	—	—
Encadernação . . . . .	1	»	1	—	—	—	550\$000	1:150\$000
—	—	—	—	—	—	—	5\$000	14\$000
Marcenaria . . . . .	8	manual	30	9	—	—	—	—
Ceramica . . . . .	12	12 fornos	23	5	—	—	2:430\$000	3:190\$000
Serralheria e fundição . . . . .	34	16 mach.	52	7	—	—	495\$000	750\$000
Cutelaria . . . . .	105	manual	281	43	—	—	2:791\$800	5:209\$000
Familiaria . . . . .	9	»	9	—	—	—	17:660\$700	27:047\$100
Caldeiraria . . . . .	4	»	2	—	—	—	2:363\$500	2:784\$000
—	—	—	—	—	—	—	290\$000	350\$000
Ourivesaria . . . . .	1	manual	1	—	—	—	—	—
Pentes . . . . .	14	»	23	3	—	—	10\$000	40\$000
Colchoaria . . . . .	1	»	1	—	—	—	1:372\$000	1:740\$100
Linho fição e tecelagem . . . . .	77	fabril	51	3	146	32	1:200\$000	320\$000
Relojoaria . . . . .	1	manual	2	1	—	—	29:565\$000	43:505\$500
—	—	—	—	—	—	—	20\$000	concertos
Algodão fição e tecel. . . . .	78	fabril	617	56	806	128	62:329\$200	109:639\$000
—	—	—	—	—	—	—	—	—
Chapelaria . . . . .	3	manual	15	1	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	1:067\$560	3:550\$000
—	—	—	—	—	—	—	—	—
Alfaiateria . . . . .	15	manual	45	5	6	1	6:160\$000	10:050\$000
—	—	—	—	—	—	—	—	—
Albardas e correias . . . . .	4	manual	5	—	—	—	—	—
Calçado . . . . .	113	»	248	92	—	—	464\$500	794\$000
Begeiro . . . . .	1	»	4	1	—	—	26:608\$900	41:700\$800
Padaria . . . . .	1	1 forno	2	—	—	—	50\$000	160\$000
Confeitaria . . . . .	1	manual	—	—	2	—	1:300\$000	1:800\$000
Saboaria . . . . .	1	»	4	—	—	—	10\$000	80\$000
—	—	—	—	—	—	—	6:940\$000	15:000\$000
Colla . . . . .	1	manual	4	—	—	—	—	—
Fortumes . . . . .	38	57 tanq.	225	44	1	—	1:500\$000	1:700\$000
Anturaria . . . . .	7	manual	49	—	4	—	65:899\$380	256:486\$000
—	—	—	—	—	—	—	59:649\$000	63:760\$000
Construções civis . . . . .	—	»	?	—	—	—	carpintaria	idem
Chapeus e bengalas . . . . .	1	»	1	—	—	—	1:400\$000	5:800\$000
Colheres de pau e palitos . . . . .	4	»	14	2	—	—	200\$000	300\$000
Caneiros . . . . .	6	»	6	—	—	—	300\$000	1:133\$380
Regaria . . . . .	1	»	2	—	—	—	80\$000	440\$000
Serração de madeira . . . . .	2	»	4	—	—	—	50\$000	80\$000
Canoaaria . . . . .	1	»	3	—	—	—	—	500\$000
Basos . . . . .	—	»	6	—	—	—	450\$000	700\$000
Agueiteiro . . . . .	—	»	2	—	—	—	420\$000	1:010\$000
—	—	—	—	—	—	—	800	40\$000

face do Inquerito Industrial, volume III—Industrias fabris e manufactureiras —, servindo-nos dos mappas 1, 2, 5, 6 e 7. Como neste se

No praso relativamente curto de seis annos a producção industrial decaiu 800:000\$000 de reis. Uma parte das industrias manufactureiras, que eram o emprego domestico de grande numero de habitantes do concelho, foi absorvida pelas fabricas de fiacção e tecelagem, mas outra não encontrou compensação de alguma especie.

Em 1885 a Sociedade Martins Sarmento ainda procurou fomentar os trabalhos de linha e renda, estabelecendo premios pecuniarios para os melhores trabalhos de fio de linho, renda de linha e linha encrespada, produzidos no concelho de Guimarães, por alumnas de quaisquer escólas ou outras pessoas de sexo feminino que não exercessem ou tivessem exercido o magisterio de estas artes, de idade entre 10 e 35 annos (18 de fevereiro), abrindo-se uma escóla pratica de renda de linha onde se matricularam diversas senhoras e que funcionou em casa de Martins Sarmento.

Mas a hora da decadencia tinha chegado e eram infructiferos todos os esforços para conte-la. A partir de 1890 o quadro torna-se desolador. A nossa cutelaria, a nossa ourivesaria, a nossa confeitaria, os nossos costumes — que constituam a principal riqueza industrial de Guimarães — chegaram á ruina e a uma fallencia encoberta que não é menos prejudicial que a declarada.

A ourivesaria, de tradição secular, que era, como por diferentes vezes o tēmos dito, não só uma fonte importante de receita mas admiravel escóla para educação artistica, se em 1884, aliás já em decadencia, apresentara ainda a cifra de 32 contos, em 1890 estava redusida á miseria de uns quarenta mil reis, alguns anneis d'ouro!

Os 43 contos da confeitaria, a que com tanta gulodice se

---

fez, incluímos na columna — estabelecimentos — o numero dos estabelecimentos, officinas ou casas de trabalho, devendo notar-se que o *Relatorio* é sobre o caso omisso e por isso aproveitamos algumas vezes o numero de expositores seguindo-o de (?), systema que não poderíamos adoptar com as industrias caseiras então muito generalizadas — fiacção de linho, trabalhos de linha e roupa branca, confeitaria, etc., nem quando não havia equivalencia entre o numero de expositores e industriais, como sobre calçado e cortumes. O *Relatorio* não nos dá o fundamento com que distinguu operarios maiores dos menores, considerando nós como de maioridade os que tivessem mais de 16 annos, homens ou mulheres, e contando juntamente os aprendizes, com a mesma base de separação de idades.

referia a lady ingleza, desceram a uns tristes 80 mil reis... Os 256 contos (produção de 1889) de cortumes sam hoje cruel recordação do passado, porque essa industria depois de acarretar successivos prejuisos, tem agora diminuta importancia e encontra-se ferida de morte... A industria caseira de tecidos de algodão e linho e fiação de linho, em que se occupavam mais de mil e setecentas mulheres e produzia por anno cerca de 340 contos, foi destruida e incorporada às fabricas de fiação e tecelagem, que é a industria preponderante no concelho mas sujeita a uma concorrência fortissima, ficando sem esse ganha pão aquelles centenares de mulheres — filhas, esposas e mãis, que não se empregaram nas fabricas, estando, as ali empregadas, subjugadas no terrivel desastre physiologico que para a mulher deriva da atrophia da função maternal.

A decadencia, agravada pelas difficultosas circumstancias do mercado interno e pelo retraimento dos mercados estrangeiros, é entre nós devida em grande parte à desastrada incuria, á miseria tristissima do ensino profissional. Collocados num meio essencialmente agricola não procuramos tirar da nossa posição geographica as vantagens que ella nos dava, enquanto outras terras bem menos favorecidas se constituíam em centros exportadores de generos produzidos na área do concelho; *não temos uma só escola de ensino agricola*, vamos com os processos velhos, a antiga lavoura, pesada, trabalhosa e muito menos productiva. Sonhadores! Veiu a febre do cultivo das vinhas, nós tratamos de fabricar a maior quantidade de vinho; veiu o momento ephémero da riquêsa industrial e nós sacrificamos-lhe o dinheiro que appareceu, o oiro que não voltou, como nunca voltam tantos milhares de fortes emigrantes que embarcam para enriquecer no Brazil e lá ficam, mortos de fome, nas sepulturas anonymas... Trocamos a segura e bôa modestia pelos milhões incertos, a nossa agricultura pela nossa industria e, o que foi muito peor, a nossa industria por outras industrias, sem forma de criterio, aquellas para que carecemos de importar as materias primas, sem termos nem porto de mar, nem rio, nem vias ferreas que nos aproximem dos consumidores, despresando as pequenas industrias de gasto local, de modo que sobre um excesso de produção em *stock* augmentamos a importação. E é evidente que assim, para conseguirmos assegurar relativa prosperidade a essas industrias, que adoptamos contra a natureza, se torna indispensavel e urgente aperfeiçoar o trabalho do

homem, desenvolver os recursos proprios da nossa intelligencia e da nossa actividade, mandando lá para fóra qualquer coisa que é nosso, porque lá fóra já vamos nós comprar o ferro, o carvão, o aço, o algodão..., enquanto lentamente e com bom senso, não regressamos ás industrias originaes, isto é: proprias do nosso meio.

Infelizmente não é animadora a leitura dos mappas de frequencia á escola industrial. A maior percentagem é a dos que não teem profissão e lá não a adquirem — porque a escola é unicamente industrial em nome; depois vem a dos escreventes e á mistura caixeiros e sollicitadores, um ou outro praticante de pharmacia, professores e militares; assíduos — marceneiros e pintores — (duas classes realmente progressivas); e, é triste dizê-lo, 2, 6, 7, 5 tecelões fabricantes, 0 lavradores, poucos typographos.

Não pôde negar-se que a escola industrial presta alguns bons serviços á industria vimaranense e nomiamos já duas classes que com ella aproveitam — os pintores e marceneiros. Todavia o quadro das disciplinas é em extremo reduzido e sem qualquer ligação racional — desenho elementar, desenho ornamental, lingua portugueza, arithmetica e geometria, principios de physica e chimica e chimica industrial.

Qual a distincção que pôde verdadeiramente estabelecer-se entre este alcunhado ensino profissional e o ensino secundario fornecido pelo nosso lyceu, a não ser baseada na especie de frequencia? Onde a instrucção technica, o preparo dos artifices, a collaboração scientifica da escola com os seus empregos?

É certo que em parte a nossa industria se tem substituido á escola fazendo ella o curso de aprendizagem de alguns operarios, mas tal substituição, além de custosa, apresenta o grave defeito de rotineira. O capital não pôde sujeitar-se a um immediato desperdicio de tempo; elle chama o operario habilitado ou um que ganhará menos salario e que destina a mais faceis tarefas. A aprendizagem pouco mais é que a adaptação ao machinismo do operario encarregado de o vigiar. Esse operario é, na maioria, um analphabeto e justamente considerará o industrial que o melhor cuidado está em dar-lhe a instrucção primaria. Não ha, pois, concorrência de ensino a ensino mas forçada substituição duma rapida aprendizagem technica, muito elementar e na quasi totalidade incomprehensivel para o aprendiz, ao ensino profissional <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A Escola Industrial Francisco de Hollanda foi inaugurada a 14 de janeiro de 1885, na rua de Payo Galvão, assistindo o dr. José Guilherme de Parada e Silva Leitão, inspector das escolas industriaes da circumscripção do norte, com 104 alumnos matriculados, sendo 14 do sexo feminino. Pouco depois a Camara Municipal pensou em mudar a escola para o convento de Sam Domingos, mas, julgado este improprio, resolveu transferi-la provisoriamente para o palacete dos Laranjaes. Na matricula aberta para 1886 inscreveram-se 120 alumnos, sendo 47 do sexo feminino. A 20 de outubro de 1887, o rei D. Luiz inaugurou os trabalhos de construcção do edificio no Campo do Proposto, que, como disse-mos, ficu incompleto. É nelle que funcçionam as aulas da escola e ali jaz, ha muitos annos, o machinismo ainda não desencaixotado que destinavam ao ensino profissional.

Digno tumulo de semelhante corpo!

Não podemos agora, com elementos seguros, analysar o estado actual da industria vimaranense. A producção augmentou quanto a fição e tecelagem, que é hoje a industria mais importante do concelho; mas a decadencia accentuada das outras industrias não póde illudir-se. O que torna de evidente actualidade as considerações expostas, friamente estudadas em relação ao nosso futuro.

EDUARDO D'ALMEIDA.